DESAFIOS DA EXTENSÃO ACADÊMICA EM PARCERIA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS: INDÍCIOS A PARTIR DA ATUAÇÃO DO DIÁLOGOS URBANOS NO GBJ

Maria Valdelia Carlos Chagas de Freitas [1], Anna Erika Rocha Faustino [2], Eduardo Gomes Machado [3]

RESUMO

O presente trabalho é reflexo da inserção de longo prazo do Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares na Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim e tem como objetivo descrever a experiência da equipe extensionista do projeto, evidenciando desafios e aprendizados. A metodologia utilizada é baseada nas referências conceituais da educação popular pautada em Paulo Freire, utilizando-se de temas, palavras e questões geradoras objetivando a re/construção coletiva de conceitos. A equipe extensionista acompanha as reuniões da Rede DLIS em Fortaleza no Ceará, local onde a sede da Rede se localiza, intervindo e auxiliando nas tomadas de decisões. Buscando articular teoria e prática, a partir de uma perspectiva dialógica, contextualizada. Se dispondo a analisar os diversos movimentos de ensino aprendizagem, advindos das dinâmicas dos movimentos sociais, bem como do contato com o público externo através da realização de eventos e processos que carreiam dimensões extensionistas, de ensino e de pesquisa, assumindo cada vez mais um caráter de assessoria popular, computando como resultados o diagnóstico relatório técnico sobre o perfil da Rede DLIS além de trabalhos acadêmicos apresentados. A educação popular se encarrega de possibilitar uma interação entre os agentes sociais que vão muito além das descrições e constatações sobre o mundo.

Palavras-chave:

Educação popular. Movimentos sociais. Extensão. Cidade. Rede DLIS do GBJ.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: valdelia@aluno.unilab.edu.br
[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: erikaanna@hotmail.com
[3] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: eduardomachado@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisa Interdisciplinares surge a partir de um projeto de extensão aprovado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab - universidade federal pública sediada em Redenção, na região Maciço de Baturité, a aproximadamente 60 Km da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, no Brasil. O projeto de extensão "Diálogos Urbanos: direito à cidade, espaços e esferas públicas urbanas no Maciço de Baturité, Ceará" (2015) já em sua primeira edição manteve interlocução com a Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ), resultando em parceria na constituição de eventos onde contamos com a participação de membros da Rede. Importante salientar que já havia, através do coordenador do projeto Eduardo Gomes Machado, contatos anteriores, interlocuções e construções, desde meados de 2004, com o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), que é o principal articulador da Rede. Deste modo os membros da equipe extensionista se inseriram no território do Grande Bom Jardim, mais especificamente participando das reuniões mensais da Rede DLIS do GBJ, inicialmente observando atentamente o fluxo das interações, das práticas e das conversas, problematizações e especificidades do que compõe/do que é a Rede.

A Rede DLIS do GBJ está situada no Grande Bom Jardim, na região sudoeste de Fortaleza, formado pelos bairros Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. A Rede DLIS do GBJ é:

...um conjunto de associações, lideranças e coletivos que lutam por diversas pautas dentro do território e tem como dinâmica reuniões ordinárias mensais, reuniões de comissões: Comissão de Moradia Digna, ZEIS e Meio Ambiente, Comissão de Memória, Educação e Cultura, Comissão de Crianças, Adolescentes e Juventudes e Comissão de Articulação e um encontro de Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) – conhecido como ENCONTRÃO, que geralmente é realizado no primeiro bimestre do ano, além de acompanhar agenda de lutas das diversas entidades dentro de Fortaleza e mais especificamente dentro do território.(MACHADO, FAUSTINO, no prelo, p.11)

É nesse contexto que o grupo extensionista se insere de modo lento, gradativo e ao mesmo tempo constante/contínuo, acompanhando os processos e inserindo-se no contexto de organização e atuação cotidiana da Rede. A priori, a principal preocupação da equipe foi perceber como o grupo funciona para, por conseguinte tentar se inserir de maneira eficaz e participativa, apoiando a Rede em sua organização e atuação.

Este trabalho pretende evidenciar aspectos da ação da equipe extensionista, considerando a educação popular enquanto referencial teórico-empírico mediador nas relações de agentes acadêmicos com agentes dos movimentos sociais. Acredita-se que a educação popular é de grande importância na construção de pontes que interliguem agentes internos e externos a universidade, principalmente quando se tem como interlocutores os movimentos sociais. Para tanto esse trabalho se estrutura em três partes: Metodologia que tratará a apresentação do referencial teórico e a indicação das etapas de construção da relação entre o grupo de extensão e a Rede DLIS; Resultados e discussões que relatam o processo de execução da ação extensionista; Conclusões que indica as impressões obtidas a partir da relação extensão/movimentos sociais através da educação popular, apontando os desafios das ações.

METODOLOGIA

O Grupo Diálogos Urbanos desde sua primeira edição utiliza como aporte teórico metodológico a educação popular, pautada principalmente em Paulo Freire. Ao longo de sua existência o Projeto, que está em sua quarta edição, se dispõe a analisar os diversos movimentos de ensino aprendizagem, advindos das dinâmicas dos movimentos sociais, bem como do contato com o público externo através da realização de eventos e processos que carreiam dimensões extensionistas, de ensino e de pesquisa.(MACHADO, 2018)

Os processos sócio e político-educacionais efetivados pelo grupo buscam articular teoria e prática, assumindo uma perspectiva dialógica, contextualizada e participativa na reconstrução de saberes de modo a intervir nas realidades do território, agregando geração de propostas coletivamente formadas a partir de pactuações entre os agentes envolvidos no processo. Trata-se de uma metodologia participativa que se re/constrói coletivamente e não de algo estanque e hierarquizado; desse modo, trabalhar com movimentos sociais é

acima de tudo perceber-se enquanto sujeito participativo da recriação de conceitos, aberto a absorver conhecimentos ditos tácitos e fazê-los dialogar com os conhecimentos codificados já intrínsecos e/ou em continuada incorporação e construção, envolvendo diferentes agentes. Ferrão (2002, p. 20-22) destaca:

[…] [o conhecimento tácito] corresponde ao tipo de conhecimento que se produz e acumula de forma implícita como consequência natural dos contactos, das práticas e dos saberes desenvolvidos pelos indivíduos nas suas rotinas diárias de trabalho e lazer [e, diríamos, nas rotinas de mobilização social e luta política.

[…] [o conhecimento] dito codificado, corresponde aos saberes de base científica e tecnológica […] A intencionalidade da sua produção, a sua natureza tendencialmente generalizável e o seu potencial de comercialização permitem distingui-lo do conhecimento tácito, de carácter espontâneo, mais específico e localmente mais enraizado.

Uma organização é, potencialmente, tanto mais inovadora quanto maior for a sua capacidade de recombinar, em função dos seus objectivos específicos, conhecimentos provenientes destas diversas fontes (FERRÃO, 2002, p. 20-22).

Cabe pontuar que no caso dos movimentos sociais, são os acadêmicos os agentes responsáveis por parte dos conhecimentos codificados, além de parcela de profissionais de diversas áreas e dos segmentos governamentais/estatais. Muito embora se perceba que há agentes participantes dos movimentos sociais que já mobilizam e operam conhecimentos codificados.

As organizações populares constituem espaços e dinâmicas onde se articulam/interligam processos de educação formal, não formal e informal, onde circulam conhecimentos tácitos e codificados. Gohn (2010, p.48) indica que:

A educação formal pressupõe ambientes normatizados, com regras, legislações e padrões comportamentais definidos previamente. Perfil do corpo docente e metodologias de trabalho são previamente normatizados. A não formal ocorre em ambientes e situações interativas construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiência e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato da escolha em dados processos ou ações coletivas. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados. Os saberes adquiridos são absorvidos no processo de vivência e socialização pelos laços culturais e de origem dos indivíduos. (GOHN, 2010, p.48)

Deste modo torna-se fundamental a compreensão de que todos os conhecimentos são válidos e que alguns deles inexistem (até certo ponto) e que precisam/podem ser recriados/criados.

Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p. 28)

A equipe extensionista assume o papel de mediadora nos processos educacionais papel de fontes do conhecimento codificado diante dos espaços em que se inserem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Rede DLIS do GBJ é uma junção de coletivos e entidades da sociedade civil que lutam por diversas causas, dentre elas “Ações de defesa da vida, dos direitos humanos, de proteção à criança, adolescência, juventude, idosos e outros segmentos vulneráveis;” além de “ações de acesso à arte e à cultura”, “ações de formação profissional”, “ações educacionais” (MACHADO; FAUSTINO, No Prelo, p. 50), dentre muitas outras. Ou seja, a Rede DLIS do GBJ surge da necessidade de cobrar políticas públicas do Estado para as crianças, jovens, adultos e idosos que vivenciam desigualdades e segregações cotidianas em uma das, senão, na região mais pobre de Fortaleza, já que esse território é

marcada por desigualdades e segregações socioespaciais que envolvem: (I) produção, distribuição e consumo de bens e serviços; (II) regularização fundiária, posse e propriedade de terra urbana – solo, subsolo e edificações; (III) acesso e usufruto de equipamentos, infraestruturas e serviços urbanos (IBGE Censo, 2010). (MACHADO; FAUSTINO, No Prelo, p. 15)

Observa-se no exemplo citado acima que a carência de políticas públicas é algo muito presente na sociedade brasileira. Quando de fato, os agentes não encontram espaços destinados a eles, eles criam formas de “fazer” este espaço, de ocupar. Sendo que a organização destes movimentos sociais recria modelos educacionais, se fazendo necessário que os educadores assumam estes novos conhecimentos, gerados pelos movimentos sociais, ou seja, que façam a ponte entre os diversos agentes.

Em 2017 foi pactuado a ação denominada “Cuidando de nós” em que nos organizamos para a realização de uma pesquisa extensionista e diagnóstica que caracterizaria o Perfil da Rede, elencando os pontos positivos, fraquezas da Rede em relação às entidades componentes. Com referencial na pesquisa-ação e na educação popular, e a partir de um contexto mais denso de inquietações, avaliações e dúvidas, tendo sido vivenciados ao longo de diversos encontros/reuniões, podem ser entendidas enquanto questões geradoras: Qual a identidade da Rede? O que a caracteriza? Quais suas forças e fragilidades? Quais os afetos envolvidos? O que conseguiu acumular em todos esses anos vivencial, política e tecnicamente? Quais os problemas e desafios vivenciados? Qual a governabilidade que possui sobre as questões enfrentadas? Como organizar em curto, médio e longo prazo a atuação? Dentre outras.

A princípio, alguns componentes da rede estavam desconfiados quanto a participação da universidade em um espaço que prioritariamente era ocupado por pessoas do território. Alguns chegaram a questionar o que era que a universidade faria por eles, pois não conseguiam enxergar o trabalho que era realizado pela equipe. Com o tempo o trabalho da equipe extensionista foi ganhando visibilidade, principalmente quando se iniciaram os trabalhos da Pesquisa perfil da Rede DLIS. Após a entrega desse relatório que versa sobre o território em que a rede atua, o trabalho da equipe extensionista passou a ser visto com outros olhos. Finalmente a inclusão da equipe Diálogos Urbanos fez sentido para os agentes do território do Grande Bom Jardim. Paulo Freire destaca que há uma

(1) necessidade de distanciamento para problematização das realidades sociais vivenciadas, inclusas nessas realidades as próprias visões e práticas; (2) o caráter coletivo e dialógico dessa interpretação; (3) a importância da prática nesses processos coletivos, com a prática envolvendo, em uma primeira aproximação, ações concretas com a palavra oral e escrita, com leitura, escrita, sistematização e análise de informações e dados. (FREIRE, 1981, p. 21, 23)

CONCLUSÕES

A educação popular se encarrega de possibilitar uma interação entre os agentes sociais que vão muito além das descrições e constatações sobre o mundo ou sobre indicações de causas que fazem com que o mundo seja de tal forma e não de outra forma. De todo modo, não se trata de descrever “como as coisas são” e sim de tentar entender, porque elas são dessa forma e se podem e como podem ser diferentes (FREIRE, 1981)

Cabe destacar o quanto os agentes que compõem os movimentos sociais são dotados de conhecimentos tácitos e o quanto esses conhecimentos enriquecem a experiência extensionista. Deste modo a equipe extensionista ocupa um lugar específico, não se colocando como parte que delibera, mas como parte que propõe a deliberações conjuntas a partir de conhecimentos prévios (codificados) e suas implicações práticas no desenvolvimento das atividades da Rede DLIS do GBJ, considerando os horizontes de sentidos partilhados.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos sinceros ao coordenador do Projeto Diálogos Urbanos, o Professor Doutor Eduardo Gomes Machado, que brilhantemente conduz os trabalhos realizados pela equipe interdisciplinar de pesquisas e extensão no âmbito da universidade e fora dela. As parcerias estabelecidas com os grupos internos e externos à universidade tornaram possível as pesquisas e ações extensionistas deste grupo, dentre eles o Performarte, GEPAC e Rede DLIS do GBJ, a vocês nossos muito obrigada. Agradecemos também pelos apoios da PROEX, PROPPG, FUNCAP, CNPQ e UNILAB.

REFERÊNCIAS

FERRÃO, J. Inovar para desenvolver: o conceito de gestão de trajectórias territoriais de inovação. Interações, Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 3, N. 4, p. 17-26, Mar. 2002.
FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996
GOHN, M. Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
MACHADO, Eduardo Gomes. Desafios da intervenção acadêmica no planejamento urbano: diálogos sociológicos com a educação popular em Paulo Freire. In: Elaine Ferreira Rezende de Oliveira; Larissa Oliveira e Gabarra; Leandro de Proença Lopes. (Org.). Construindo pontes: Paulo Freire entre saberes, projetos e continentes. 1ed.FORTALEZA: EDUECE, 2018, v. 1, p. 77-100.
MACHADO, Eduardo Gomes; FAUSTINO, Anna Erika Rocha. O perfil da Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim. No Prelo.